



R

FOLIAS DE APRENDIZ

GERALDO CARNEIRO

FOLIAS DE APRENDIZ

GERALDO CARNEIRO



HISTÓRIA REAL

© 2022 Geraldo Carneiro

PREPARAÇÃO

Andreia Amaral

REVISÃO

André Marinho

Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO

Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Celso Longo

FOTO DO AUTOR

Elizabeth Carneiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICADO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C288f

Carneiro, Geraldo, 1952-

Folias de aprendiz / Geraldo Carneiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

Intrínseca, 2021.

272 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-87518-23-7

1. Carneiro, Geraldo, 1952-. 2. Poetas brasileiros - Biografia. I. Título.

22-77237

CDD: 928.69

CDU: 929:82-1(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/ 6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados a
História Real, um selo da Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6^o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.historiareal.intrinseca.com.br

PRÓLOGO

Nunca pensei em escrever a meu respeito. Não escrevi sequer uma daquelas orelhas que os autores fabricam sobre seus livros, ora por encomenda dos editores, ora pelo mero prazer de exaltar as próprias qualidades. Considero tedioso olhar para o meu passado e jamais prestei atenção nos detalhes de minha existência. Desde os verdes anos reservo o memorialismo — de preferência, dos outros — para me distrair nos confins de minha velhice, com raras e magníficas exceções. Se fosse um escritor alemão ou francês, escreveria sobre meus anos de aprendizagem. Não me atreveria a usar a palavra *Bildungsroman* para não intimidar quem ainda não conhece o palavrão germânico. O problema é que quase todo autor do gênero — e também de autoficção, palavra criada há pouco para qualificar os admiradores do próprio umbigo — é obrigado a inventar uma lógica para emprestar sentido ao caos de sua vida.

À revelia do modelo narrativo que escolha, o memorialista imita seus autores eleitos, mesmo que não se aperceba disso, ou imita a vida dos santos, dos libertinos, dos libertinos que se tornaram santos e, mais raramente, dos que fizeram o caminho inverso. Sempre me lembro, diante de tais livros, de um fragmento de Shakespeare, apogeu de uma peça cujo título não ousou reproduzir, porque, segundo os ingleses, a menção dele não traz boa sorte. O fragmento famoso de Shakespeare diz que a vida “é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando nada”. Pelo menos a minha vida é assim, e, ao contá-la, quem se sente idiota sou eu.

Em 2020, Roberto Feith me convidou para escrever um livro sobre minha amizade com João Ubaldo Ribeiro. Sugeri que se chamasse “Eu e João, João e eu”. Embora o título me parecesse narcisista, a tarefa de evocar um de meus amigos mais queridos era simpática. Me lembrei, contudo, de que Roberto já me havia convidado vinte anos antes para escrever uma biografia de Shakespeare, e que, para responder à proposta, passei um mês inteiro imerso em todas as narrativas sobre o bardo que encontrei, até concluir que minha única saída seria uma biografia ficcional. Descreveria a infância de Shakespeare com espantosas minúcias, entre as quais o temperamento, os hábitos e o pedigree do cãozinho de estimação do poeta. O leitor, com a pulga atrás da orelha, perguntaria: “Como esse biógrafo conhece o cachorro?” Eu responderia: trata-se do cãozinho da peça *Os dois cavalheiros de Verona*. Depois descreveria o adolescente William descobrindo a arte de alcançar, sozinho, o êxtase da sexualidade

em flor. O leitor, encafifado, perguntaria: “De onde esse cronista desentranhou essa punheta?” Resposta: de Samuel Pepys, nascido pouco depois da morte do bardo, que relata em seu diário a prática do vício solitário — e não creio que as técnicas da masturbação, por mais criativas, tenham mudado tanto de estilo entre os séculos XVI e XVII. Ao fim desse período de estudos, relatei ao Roberto e à Isa Pessoa que, se eu trabalhasse dois anos na biografia imaginária de Shakespeare, produziria, na melhor das hipóteses, um livrinho excêntrico. Portanto, não valeria a pena escrevê-lo.

Diante da nova missão, comecei a reunir reminiscências de Ubaldo e de nossas peripécias pela não mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e por outras paragens próximas ou remotas. Logo no princípio do exercício, me lembrei de uma noite em que baixou no João o espírito de um poeta de língua inglesa — desconfio que fosse William Butler Yeats. João psicografou um poema e o enviou pra mim pelo fax. No mesmo instante, traduzi e recriei seus versos, inserindo entre eles o nome de sua musa, Berenice Batella Ribeiro, e de seu livro então recém-publicado:

*Até a morte eu me atormentarei
Pelo que descobri e não encontrei,
Pelo que, pascaliano como sou,
Eu compreendi e ainda assim maldigo.
Sou o idiota mais perfeito, aliás,
Por feito mais de carne que de gás;
É esse o fado que me leva adiante,
Num mundo para o qual não sou prestante.*

*Tudo o que tenho as mulheres me deram,
Consolação, razão para existir.
Benditas Berenices, Beneditas,
Também sejam benditos meus amigos,
Pois gosto deles, tenham longa vida,
E até eu mesmo, que não a mereço,
Mas que a observo e sei qual é seu preço.*

Ubaldo concebera seu poema em sonhos, tal como Samuel Taylor Coleridge sonhara seu “Kubla Khan”. Ficou tão feliz com a recriação de suas palavras em português que resolveu destruir o original. Só me recordo dos dois versos iniciais:

*Until the day I die I'll ever fret
For what I've found and I have never met...*

Pensei que, no livro sugerido por Roberto, eu poderia contar alguns episódios do convívio com o João, o modo como nos tornamos amigos de infância, parceiros de alegrias e naufrágios, além dos momentos em que tivemos motivo para comemorar a vida.

Ubaldo e eu escrevemos um roteiro de cinema e mais de trinta de TV. Tínhamos planos de traduzir duas ou três tragédias gregas, editar uma versão d’*Os Lusíadas* para a juventude, graças à qual o leitor jovem poderia usufruir as belezas do poema sem o estorvo de encarar a história dos reis de Portugal repetida três vezes na epopeia. De posse da lista de nossas proezas reais ou imaginadas, fiz o primeiro

balanço do livro. Essas aventuras, em geral engendradas e vividas nos botequins, eram movidas pelo trabalho, o afeto ou pela diversão.

Deparei-me, no entanto, com um obstáculo talvez intransponível. Nossa amizade fez com que João e eu nos tornássemos confidentes. Falávamos sem pudor de episódios grotescos, fracassados ou até mesmo sublimes de nossa vida. Percebi que, para ser fiel a essa amizade, eu não podia trair a memória do Ubaldo, revelando suas confidências e segredos, a não ser os pândegos e docemente picarescos. Dizer a verdade sobre alguém é coisa de biógrafo inglês, que já começa por revelar os hábitos extraconjugais da mãe do biografado, que mantém um romance secreto com seu cavaliariço — ou, segundo as más línguas, com o próprio cavalo, enquanto a avó materna foge para o continente com o neto do Chapeleiro Maluco.

Comuniquei ao Roberto a barreira ética insuperável. Ele não apenas a compreendeu, como também propôs que eu fizesse um apanhado de lembranças minhas, que revelasse, em vez dos segredos de minha amizade com Ubaldo, alguns dos meus próprios. Me lembrei de Gertrude Stein, que escreveu a própria biografia simulando que era a de sua amada Alice B. Toklas. Me lembrei também de *A Moveable Feast*, em que Ernest Hemingway fala mal de quase todos os seus contemporâneos em Paris, entre os quais a própria Gertrude, madrinha de seu filho, além de revelar fraquezas de Scott Fitzgerald, seu secreto rival. Pensei em fazer algo semelhante — com menos talento, mas com a sorte de ter vivido outra Época de Ouro, mito que inspira tantos carnavais literários.

Por isso estou aqui, expondo à sua leitura parte de minha vida e também da vida de algumas pessoas a quem admiro mais ou menos.

Preservarei muitos nomes, cifrados sob iniciais que correspondem ou não à realidade. Pode ser que alguns dos amigos mencionados tenham resolvido apagar o passado, por condenatório, outros não se lembrem mais de coisa alguma e outros se arrependam de suas façanhas e tenham se convertido em Testemunhas de Jeová.

Por onde começarei? Li em algum lugar que basta começar pelo princípio, continuar até o meio, depois seguir até o fim. Tenho minhas dúvidas quanto à eficácia da fórmula. Sei que estamos aqui, um diante do outro, a sós. Se eu mentisse, não convenceria nem a mim. Serei o mais sincero possível, mesmo que a sinceridade seja uma fantasia literária, sirva apenas para imaginar que exista algo semelhante à realidade, se é que há realidade num mundo reinventado pelas palavras.

Não se preocupe, não vou contar tudo. Se contasse, até eu mesmo romperia relações comigo. Suprimirei estrategicamente alguns detalhes sórdidos ou sublimes. Como escapar do feitiço das palavras? Como achar o deserto em meio à água? Não sei. Escrever contra a tirania da civilidade e das meias-palavras? Contra a semântica e a sintaxe? Será possível? Vamos tentar, minha cara leitora-leitor, minha semelhante, meu irmão.

Sabe onde encontrar as flores do bem? Nas hagiografias. Aqui só há a geografia sentimental de alguém assediado pelo delírio. Se o meu delírio for de segunda mão, terá sido fur-

tado de Machado de Assis, assim como o dele foi furtado de Leopardi. Não tenho a pretensão de compreender a realidade. Ela me parece cada dia menos compreensível. Ou, quem sabe, mais complexa. Mas aí já estaria dourando a pílula, enfeitando o pavão. Aqui, não.

FLORES NA ESTUFA

A entrada da clínica é uma rampa de concreto cercada de jardins. Por que hospital psiquiátrico tem jardim? Pensam que os doentes mentais são flores que devem ser cultivadas em canteiros ou estufas? Ou creem que são criaturas regressadas ao estado de natureza? Não bastasse a selva selvagem que trazem dentro de si, precisam ter ao redor esse jardim de medíocres simetrias, para que, como diante do espelho, possam mirar-se em seus abismos interiores.

Fiz tudo o que era possível para não vir. Sei que falei demais, circulei demais, cometi muitos erros nesse dia. Primeiro, almoçar com a família da minha ex-mulher, mãe de meu filho mais velho, Joaquim. Presente todo o elenco, meu ex-sogro, minhas cunhadas eternas. Sei que falei demais, sorri demais. O excesso de vida é insuportável para quem acredita que o ser humano tem que ser morigerado, previsível, escravo da temperança, sem jamais se lançar numa aventura arriscada de amor, tampouco se permitir entrar em estado de poesia, conviver dia e noite com a ebulção das palavras que despejam a cântaros no papel, segundo uma ordem secreta e implacável, sem que o escritor tenha o mérito ou o trabalho de domá-las. É como se fosse a materialização da ideia do escritor cavalo de santo, como se o mundo e as palavras tivessem celebrado um pacto de autonomia, e tudo, mesmo as regiões misteriosas e obscuras

da alma, pudesse ser descrito com a naturalidade com que uma nuvem chove ou com que o mar produz suas ondas. Claro que o sujeito só crê em todas essas consonâncias quando está um pouco além de si. Ou muito além, como talvez fosse o meu caso.

Já havia acontecido outras vezes. Alguns anos antes entrei num voo ainda mais radical. Minhas amigas dedicadas me levaram a seus médicos da alma. Olivia me levou à sua psicanalista, E., que eu já conhecia havia alguns anos. Marília, pragmática, me levou direto ao psiquiatra. Só meu irmão, por me conhecer desde sempre, me defendeu: “Ele é assim mesmo.” Engraçado que quase todos, amigos e amigas, supunham que eu ofereceria resistência ao tratamento, que considerasse minha psique intocável. Claro que não. Adoraria que um desses doutores da alma me decifrasse, e assim revelasse a fórmula da minha alegria e da minha angústia, que andavam de mãos dadas.

Depois do almoço com a família B., embarquei às pressas num táxi. Tinha que chegar depressa à Bienal do Livro, no Riocentro, onde faria um debate com meu amigo João Ubaldo. Já havíamos feito várias dobradinhas do gênero, no Jockey Club, no anexo da Academia Brasileira de Letras e em outras latitudes. Sendo nossa terceira Bienal juntos, era, portanto, um acontecimento corriqueiro em nossa vida.

Quando cheguei, descobri que não tinha dinheiro suficiente para pagar ao motorista do táxi. Contudo, achei uma nota de cinquenta libras no fundo da carteira, que com certeza havia sobrado de uma viagem à Inglaterra, onde eu fora

visitar Joaquim. O chofer era extraordinariamente simpático. Em minha imaginação, supus que o táxi havia sido enviado por minha namorada, que combinara de se encontrar comigo no Riocentro. Como estava num surto de mania, eu tinha certeza de que o universo conspirava em meu favor, imaginei que o táxi fora contratado por ela, Ana Paula Pedro, minha Anna Livia Plurabelle, que eu havia conhecido um mês antes e supunha fosse o meu cais, a minha esperança e talvez a minha destruição. Já havia intuído em meados de julho que o amor estava prestes a chegar. Não sabia se irromperia como uma fera da selva, a exemplo da metáfora de Henry James, ou se seria amável como uma orquídea do jardim da clínica.

Cheguei dois minutos atrasado ao encontro na Bienal. Percebi certa estranheza da plateia do Cabaré Literário. Eu estava muito acelerado, é verdade. Falei pelos cotovelos. Quase não deixei João Ubaldo falar, e ele falava magnificamente, gostava de ouvir a própria voz, e eu também de ouvi-lo. Mas a compulsão de falar venceu. Quando ameacei ocupar todo o espaço acústico da conversa com uma catarata de palavras, João ficou inquieto. Volta e meia eu lhe fazia uma pergunta retórica, para fingir que lhe passava a palavra. “Não preciso nem perguntar, João, sei que você concorda, não é?” E continuava falando sem esperar a resposta. O João ficava nervoso, e depois de alguns minutos de silêncio forçado, fazia uma reivindicação humorada: “Não me venha com essa maiêutica. Eu também quero falar!” Eu dizia: “Claro que você vai falar, e já sei o que você vai dizer.” E tome etc. O João me olhava perplexo: não era aquilo que ele queria dizer. Mas como o

novo tema para monólogo seguia adiante, ele, por delicadeza, se sentia obrigado a acompanhar.

Creio que um dos assuntos do nosso encontro na Bienal era *Diário do farol*, romance recém-publicado pelo João. Eu também deveria falar de um livro meu de poemas, mas estava muito mais interessado no romance em que Ubaldo constrói um simulacro da relação com seu pai, ríspida e incômoda. O romance alçou voo, ganhou a imprescindível distância para que se desprendesse da circunstância e criasse seu mundo ficcional próprio. No entanto, na hora de liquidar o avatar ficcional do pai, João fez questão de exterminá-lo em decassílabos, talvez para dar um tom épico à narrativa, e pediu que eu revisasse a metrificação. Foi o único assassinato que ajudei a cometer na vida.

Durante a palestra eu provavelmente disse coisas extravagantes, porém sinceras, sem pudor de *épater le bourgeois* — expressão comum nos séculos passados, quando o burguês ainda fingia que se espantava com as transgressões estéticas, e que hoje tornou-se obsoleta diante do despudor de qualquer mãe de família que se exhibe na internet.

Meu filho mais moço, Antonio, tinha ido comigo, estava na plateia. Eu lhe havia prometido que traria uma namorada dos Estados Unidos, viagem que só aconteceria meses mais tarde. E como eu de fato conhecera pouco antes minha amada Ana Paula, assumi que era ela a princesa prometida que eu trouxera do Hemisfério Norte, com a qual eu seria feliz por toda a eternidade e mais um dia.

Sáímos do Riocentro num táxi, eu no banco da frente ao lado do motorista, minha musa e meu filho no banco

de trás, brincando de forca. Desfrutamos um pequeno intervalo de harmonia, embora houvesse ao fundo enforcamento de palavras. Me lembrei da Inglaterra elisabetana, quando a execução de um condenado era um dos festejos mais populares e havia crianças na plateia. Todos ficavam maravilhados quando, em nome de Deus e do rei (ou da rainha), o cidadão ou cidadã eram enforcados (ou decapitados), arrastados e esquartejados. Provei o mal-estar de pressentir que estava na iminência de sofrer um esquartejamento pós-moderno.

Deixei meu filho Antonio na casa da mãe dele e fui para a minha. Me deitei no colo de minha amada e chorei. Chorei por todas as alegrias e tristezas da vida inteira. As perdas os desencontros o desespero os momentos de desesperança. Chorei sobretudo pelo espectro da felicidade que sempre pairava sobre mim, e às vezes se revelava em seu esplendor. Talvez fosse a proximidade da morte, talvez fosse a vida em sua plenitude que enfim se acercava de mim.

Joaquim e Olivia chegaram, e ele, com o carinho de sempre, disse: “Pai, para o bem de sua saúde, é preciso que você se interne.” Respondi que era capaz de me cuidar, obedecer a instruções de médicos, fazer tudo o que se espera de uma pessoa normal. Ele sorriu com amargor, sem fundamentos para acreditar em minhas palavras. Minha amada Ana Paula não sabia o que pensar sobre minha sanidade improvável.

Então fomos para a clínica.

Livro de memórias, romance de formação, crônica de costumes. São muitas as facetas destas *Folias de aprendiz*. Para celebrar seus 70 anos de vida e 54 de carreira, Geraldo Carneiro reúne lembranças da infância e da juventude que refletem também uma época de ouro do Rio de Janeiro e da música popular brasileira.

O olhar encantado do mineiro que aportou ainda criança no Rio nos transporta para os dourados anos 1950, quando seu pai dava expediente como assessor do presidente Juscelino Kubitschek. As memórias infantis misturam, então, a descoberta da literatura, os jacarés na praia de Ipanema e bastidores do poder – com personagens ilustres, como Jânio Quadros e Garrincha.

Com idas e vindas no tempo, Geraldo reconstitui seu mapa de afetos e divide com o leitor lembranças cômicas e comoventes. A convivência com intelectuais e artistas, como Paulos Mendes Campos e Jacob do Bandolim, que frequentavam as reuniões organizadas por seus pais; a entrada precoce na vida artística, aos 16 anos; as primeiras parcerias na música e no teatro; os porres com Vinicius de Moraes; a amizade de quarenta anos com Millôr Fernandes; as prisões e exílios de amigos durante a ditadura militar.

Entre a melancolia e o humor, o autor reflete sobre a singularidade de uma geração que vivenciou, por um lado, as revoluções culturais e sexuais e, por outro, a violência e o medo impostos pelo regime ditatorial.

Folias de aprendiz não é uma biografia, mas um manifesto de amor – à poesia, à música, aos amigos, à liberdade. Como adverte o autor logo nas primeiras páginas, “aqui só há a geografia sentimental de alguém assediado pelo delírio”.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1176/